

O vendedor de palavras

Fábio Reynol

Ouviu dizer que o Brasil sofria de uma grave falta de palavras. Em um programa de TV, viu uma escritora lamentando que não se liam livros nesta terra, por isso as palavras estavam em falta na praça. O mal tinha até nome de batismo, como qualquer doença grande, “indigência lexical”. Comerciante de tino que era, não perdeu tempo em ter uma idéia fantástica. Pegou dicionário, mesa e cartolina e saiu ao mercado cavar espaço entre os camelôs.

Entre uma banca de relógios e outra de lingerie instalou a sua: uma mesa, o dicionário e a cartolina na qual se lia: “Histriônico — apenas R\$ 0,50!”.

Demorou quase quatro horas para que o primeiro de mais de cinquenta curiosos parasse e perguntasse.

— O que o senhor está vendendo?

— Palavras, meu senhor. A promoção do dia é histriônico a cinquenta centavos como diz a placa.

— O senhor não pode vender palavras. Elas não são suas. Palavras são de todos.

— O senhor sabe o significado de histriônico?

— Não.

— Então o senhor não a tem. Não vendo algo que as pessoas já têm ou coisas de que elas não precisam.

— Mas eu posso pegar essa palavra de graça no dicionário.

— O senhor tem dicionário em casa?

— Não. Mas eu poderia muito bem ir à biblioteca pública e consultar um.

REYNOL, Fábio. O vendedor de palavras. In: _____. *O vendedor de palavras*. Baraúna: São Paulo, 2008.

— O senhor estava indo à biblioteca?

— Não. Na verdade, eu estou a caminho do supermercado.

— Então veio ao lugar certo. O senhor está para comprar o feijão e a alface, pode muito bem levar para casa uma palavra por apenas cinquenta centavos de real!

— Eu não vou usar essa palavra. Vou pagar para depois esquecê-la?

— Se o senhor não comer a alface ela acaba apodrecendo na geladeira e terá de jogá-la fora e o feijão caruncha.

— O que pretende com isso? Vai ficar rico vendendo palavras?

— O senhor conhece Nélida Piñon?

— Não.

— É uma escritora. Esta manhã, ela disse na televisão que o País sofre com a falta de palavras, pois os livros são muito pouco lidos por aqui.

— E por que o senhor não vende livros?

— Justamente por isso. As pessoas não compram as palavras no atacado, portanto eu as vendo no varejo.

— E o que as pessoas vão fazer com as palavras? Palavras são palavras, não enchem barriga.

— A escritora também disse que cada palavra corresponde a um pensamento. Se temos poucas palavras, pensamos pouco. Se eu vender uma palavra por dia, trabalhando duzentos dias por ano, serão duzentos novos pensamentos cem por cento brasileiros. Isso sem contar os que furtam o meu produto. São como trombadinhas que saem correndo com os relógios do meu colega aqui do lado. Olhe aquela senhora com o carrinho de feira dobrando a esquina. Com aquela carinha de dona-de-casa ela nunca me enganou. Passou por aqui sorrateira. Olhou minha placa e deu um sorrisinho maroto se mordendo de curiosidade. Mas nem parou para perguntar. Eu tenho certeza de que ela tem um dicionário em casa. Assim que chegar lá, vai abri-lo e me roubar a carga. Suponho que para cada pessoa que se dispõe a comprar uma palavra, pelo menos cinco a roubarão. Então eu provocarei mil pensamentos novos em um ano de trabalho.

— O senhor não acha muita pretensão? Pegar um...

— Jactância.

— Pegar um livro velho...

— Alfarrábio.

— O senhor me interrompe!

— Profazo.

— Está me enrolando, não é?

— Tergiversando.

— Quanta lenga-lenga...

— Ambages.

— Ambages?

— Pode ser também evasivas.

— Eu sou mesmo um banana para dar trela para gente como você!

— Pusilânime.

— O senhor é engraçadinho, não?

— Finalmente chegamos: histriônico

— Adeus.

— Ei! Vai embora sem pagar?

— Tome seus cinquenta centavos.

— São três reais e cinquenta.

— Como é?

— Pelas minhas contas, são oito palavras novas que eu acabei de entregar para o senhor. Só histriônico estava na promoção, mas como o senhor se mostrou interessado, faço todas pelo mesmo preço.

— Mas oito palavras seriam quatro reais, certo?

— É que quem leva ambages ganha uma evasiva, entende?

— Tem troco para cinco?

Il venditore di parole

Fábio Reynol

Aveva sentito dire che il Brasile soffriva di una grave mancanza di parole. In un programma televisivo aveva visto una scrittrice che deplorava il fatto che qui non si leggevano libri e quindi le parole scarseggiavano sul mercato. Il male aveva perfino un nome di battesimo, come qualunque malattia importante: "indigenza lessicale". Sagace commerciante, ebbe un'idea fantastica e decise di metterla subito in pratica. Con tanto di dizionario, tavolino e cartello, si recò al mercato per scovare un posto tra i venditori ambulanti. Fra una bancarella di orologi e un'altra di lingerie, piazzò la sua: un tavolo, il dizionario e il cartello sul quale si leggeva:

"Istrionico — solo R\$ 0,50!".

Ci vollero circa quattro ore prima che uno tra i più di cinquanta curiosi si fermasse per domandare:

— Cosa sta vendendo?

— Parole, caro signore. Come dice il cartello, la promozione del giorno è istrionico, per cinquanta centesimi.

— Ma non può vendere parole, non sono sue. Le parole appartengono a tutti.

— Sa cosa significa istrionico?

— No.

— Allora non ce l'ha. Non vendo qualcosa che le persone abbiano già o cose di cui non abbiano bisogno.

— Ma questa parola la posso trovare gratis nel dizionario.

— Lei ha un dizionario a casa?

— No. Ma potrei benissimo andare in una biblioteca pubblica e consultarne uno.

— Stava andando in biblioteca?

— No. In realtà andavo al supermercato.

— Allora è venuto al posto giusto. Sta per comprare fagioli e lattuga, può

perfettamente portarsi a casa una parola per soli cinquanta centesimi.

— Io non userò questa parola. Perché la devo pagare per poi dimenticarla?

— Se non mangerà la lattuga, dovrà buttarla perché finirà per marcire nel frigo e i fagioli si parlano.

— Ma che cosa ha in mente? Non crederà mica di diventare ricco vendendo parole?

— Lei conosce Nélida Piñon?

— No.

— È una scrittrice. Questa mattina ha detto in televisione che il paese soffre di mancanza di parole perché qui i libri non si leggono.

— E perché allora non vende libri?

— Appunto per questo. Le persone non comprano parole all'ingrosso, quindi io le vendo al dettaglio.

— E cosa se ne faranno delle parole? Parole sono parole, non riempiono la pancia.

— La scrittrice ha detto anche che ogni parola corrisponde a un pensiero. Se abbiamo poche parole, pensiamo poco. Se vendo una parola al giorno, lavorando duecento giorni all'anno, saranno duecento nuovi pensieri al cento per cento brasiliani. Ciò senza tener conto di quelli che rubano il mio prodotto. Sono come gli scippatori che scappano di corsa con gli orologi del mio collega qui a fianco. Guardi quella signora con il carrello della spesa che gira l'angolo. Con quel faccino da casalinga non mi ha mica ingannato. È passata con aria sorniona. Ha guardato il mio cartello e ha fatto un sorrisetto malizioso, rodendosi di curiosità. Non si è fermata nemmeno per farmi una domanda. Sono sicuro che ha un dizionario a casa. Appena arriverà, lo aprirà e mi ruberà la merce. Credo che per ogni persona disposta a comprare una parola, almeno cinque me la rubano. E così riuscirò a destare mille nuovi pensieri in un anno di lavoro.

— Non le pare una pretesa eccessiva? Prendere un ...

— Iattanza.

— Prendere un libro vecchio...

— Scartafaccio.

— Lei m'interrompe!

— Interloquisco.

— Mi sta prendendo in giro, vero?

— Tergiversando.

— Quanti giri di parole...

— Ambagi.

— Ambagi?

— Anche tortuosità se preferisce.

— Sono proprio un cretino a dare corda a uno come Lei!

— Pusillanime.

— Le piace fare lo spiritoso, vero?

— Finalmente ci siamo: Istrionico!

— Addio.

— Un attimo! Va via senza pagare?

— Ecco! Tenga i suoi cinquanta centesimi.

— Sono tre *reais* e cinquanta.

— Cosa?

— Ho fatto i conti e le ho appena consegnato otto nuove parole. Solo istrionico era in promozione, ma siccome lei ha dimostrato interesse, gliele metto tutte allo stesso prezzo.

— Ma otto parole sarebbero quattro *reais*, dico bene?

— È che chi si porta via ambagi riceve una tortuosità, capisce?

— Ha il resto di cinque?

Versão: Terezinha Casagrande Teixeira, Rosângela Tolotti e Marivone Cecchet Sirtoli, sob orientação da Profª. Susana Termignoni.